

DE CREPÚSCULOS E ARREBÓIS...

Tem a noite mistérios. Negrura de espanto, abismos sepulcrais, silêncios... No abismo há, porém, a frescura da nascente; no silêncio, a fecundidade do pensar; na negrura, ânsia de claridade...

Assim a globalização inquietante, calibradora, mão assassina de identidades. Inquieta, calibra, mata – e nós a fugir-lhe por entre os dedos... Que o crepúsculo deu lugar à noite; e a noite sucumbe à meiguice enfeitiçada do arrebol.

Consequência: na fuga programada vamos abarcando o mundo. Não esse mundo todo igual; sim o mundo que, pelas noites, ora se descobriu infinitamente matizado, nosso, muito próximo, muito de avós para netos, de uma década para outra.

E do crepúsculo medonho se fizeram brotar miríades de arrebóis.

Múzares anoitecia. *Múceres*, nome bem estranho, aliás, quase a merecer esquecimento; eco de falares antigos, de gentes estranhas também... Anoitecia. Sucediavam-se os crepúsculos – das gentes, dos cantares, das tradições, dos manjares até. Crescia a noite.

Houve, no entanto, a mezinha. Um outro olhar – que a perscrutou e da sua negrura logrou soltar, em chispas, todo um património adormido.

Meticulosamente, tudo o que era típico se registou. Sim, manança de porco havia ali e em muitos sítios mais. Cantar de aleluias também. E «encantamentos de amor que aprisionam mouriscas enfeitiçadas...».

«Crepúsculos de vidas» – que «ao cheiro desta canela, o Reino se despovoou», voltaria a escrever Damião de Góis. Aqui, o cheiro era bem outro; ou melhor, a ausência dele, a incapacidade de adestrar todos os sentidos na contemplação da Natureza. De contemplação não vive, todavia, o Homem do século XXI e, por isso, a mão encarquilhada que, na capa, empunha a foice aí está, a documentar esses crepúsculos. Só os anciãos resistem e os novos nem os vêm visitar! Com eles esmorecerão, pois, as memórias, secarão as raízes dessa vida d'outrora. Secarão? Não, que para isso se escreveu o livro, fruto de bem aturada pesquisa e semente de muitas outras opções, sabiamente consubstanciadas na frase que vem a seguir: «patrimónios a preservar».

Primeiro, a consciencialização de que essas vidas – as individuais e as colectivas, as diárias e as sazonais, pautadas pelo calendário agrícola, pelas estações do ano, pela sucessão das festividades... – são mesmo para preservar, para contar a netos e bisnetos e... a responsáveis pela ‘coisa’ pública, formados noutras paragens, com uniformizados sabores e eruditos saberes sorvidos à pressa em eruditos manuais peçados de citações e vazios do contacto com o chão.

Depois, Antropologia, Etnografia, Etnologia... aqui se casaram harmoniosamente, uma vez que o intuito é cimentar **património**, no que o conceito quer realmente significar: algo que herdamos e que, fiéis depositários, conscientes do seu valor como testemunho, temos obrigação de transmitir intacto, valorizado e valorizador.

Bem andou, por conseguinte, Filipa Gouveia ao misturar-se com as gentes, ao longo do ano, ao longo dos anos e tudo miudamente registar: os aromas da terra, o bálsamo das suas cores, o ritmo do dia-a-dia, as feições da aconchegada casa tradicional, os sabores que o bom borralho produz... E os cantares, num eco d’alma, o Espírito a envolver a Matéria, a impregná-la de significado e autenticidade. Tudo condimentado também por fotos magníficas, inesperadas, onde até as teias de aranha ganham significado; fechaduras «gastas pelo tempo e pela solidão» são grito silencioso; os restos de ingénuas pinturas sobre a cal das paredes proclamam ânsias de cor; e o prato de «arroz de feijão com entrecosto de porco» nos aguça o apetite...

Sim, não serão essas vidas e esses patrimónios, esse porco no chaminé, essa caída azeitona que é do povo... muito diferentes do que noutras paragens, mesmo próximas, se revelam; contudo, se ninguém o registara, pela bonita palavra, aliciante

e precisa, e pelo instantâneo fotográfico eloquente... quem, daqui a uns anos, disso se haveria de lembrar?

Pessoalmente, teria muito pena que esta devotada pesquisa de vários anos aqui consubstanciada não visse, em livro, a luz do dia. O desiderato cumpriu-se, graças a inteligente punhado de vontades que se uniram. Bem hajam!

É que, não contente com a pesquisa feita, Filipa Gouveia lançou também mãos à obra, mancheia de inovadoras iniciativas de muito louvar e a dar bem sugestivo exemplo na região e no País! O resultado aí está:

«Homens e mulheres de Múceres tomaram consciência das suas glórias, das vidas das suas *gentes passadas*.

Cuidam agora de *Múzares*... sonância guerreira que ressuscita por entre tempos mais escondidos... Envaidecem-se com os magníficos bálsamos vindos da sua terra. Atentam às piruetas cortejadas por uma Natureza em perfeita harmonia com o Homem.

Não mais desprezam a importância do *seu saber fazer* tradicional, do *ser* beirão em Múceres. Acertados, são os herdeiros de um pecúlio incorpóreo, que só o immortalizar dos rumores dos homens conseguirá conduzir aos tempos vindouros».

De certeza que vai conduzir!

Cascais, 25 de Abril de 2010

José d'Encarnação